

## CAMPOS POLÍTICOS NO BRASIL EM PERSPECTIVA: ameaça e violência nas redes sociais como estratégia eleitoral<sup>1</sup>

## POLITICAL FIELDS IN BRAZIL IN PERSPECTIVE: threat and violence in social networks as an electoral strategy

Sabrina Almeida<sup>2</sup>

Victor Piaia<sup>3</sup>

Dalby Hubert<sup>4</sup>

Mariana Carvalho<sup>5</sup>

**Resumo:** O trabalho busca identificar as características das estratégias e retóricas mobilizadas no debate sobre as eleições brasileiras de 2022 no Twitter. Metodologicamente, serão analisadas postagens, do período de 03 a 30 de outubro, que compreende o ínterim entre o primeiro e o segundo turno nas eleições, o corpus da análise será composto dos posts que compartilharam conteúdos com URLs e que repercutiram temas desinformativos que circularam no período eleitoral, além disso, uma modelagem de tópicos é utilizada a fim de distinguir os principais discursos em categorias calcadas nas percepções e retóricas de ameaça. A mobilização dos temas que incitam ameaça ao grupo interno e reforçam o grupo externo enquanto representação desta ameaça se destacou em engajamento, somados a isso, conteúdos desinformativos se mostraram mais espalhados e mobilizados por uma gama maior de atores e grupos, neste sentido, ambas as estratégias compuseram o repertório de disputa eleitoral no pleito brasileiro de 2022.

**Palavras-Chave:** Desinformação. Retóricas de ameaça. Eleição 2022.

**Abstract:** This paper seeks to identify the characteristics of strategies and rhetoric mobilized in the debate about the 2022 Brazilian elections on Twitter. Methodologically, it will be analyzed posts, from October 03 to 30, which comprises the interim between the first and the second round of elections,

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Democracia da 10ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (10ª COMPOLÍTICA), realizado na Universidade Federal do Ceará (UFC), 09 a 10 de maio de 2023.

<sup>2</sup> Pesquisadora e professora na FGV ECMI. Doutora em Ciência Política. [sabrina.almeida@fgv.br](mailto:sabrina.almeida@fgv.br).

<sup>3</sup> Pesquisador e professor na FGV ECMI. Doutor em Sociologia. [victor.piaia@fgv.br](mailto:victor.piaia@fgv.br).

<sup>4</sup> Pesquisador e professor na FGV ECMI. Doutor em Linguística. [dalby.hubert@fgv.br](mailto:dalby.hubert@fgv.br).

<sup>5</sup> Pesquisadora na FGV ECMI. doutoranda em comunicação pelo PPGCOM-UERJ. [mcarvalhomariana@gmail.com](mailto:mcarvalhomariana@gmail.com)

*the corpus of the analysis will be composed of posts that shared content with URLs and that echoed disinformative themes that circulated in the electoral period, in addition, a topic modeling is used in order to distinguish the main discourses in categories based on perceptions and rhetoric of threat. The mobilization of themes that incite threat to the internal group and reinforce the external group as a representation of this threat stood out in engagement, added to this, disinformative content proved to be more widespread and mobilized by a wider range of actors and groups, in this sense, both strategies composed the repertoire of electoral dispute in the 2022 Brazilian election.*

**Keywords:** *Misinformation. Threat rhetoric. Election 2022.*

## **1. Retórica e percepção de ameaça enquanto estratégias de disputa eleitoral**

Na última década no Brasil, a despeito das oscilações radicais no espectro ideológico, e no próprio entendimento de esquerda e direita, a configuração dos campos políticos mais relevantes se cristalizou em dois pólos antagônicos, padrão refletido nas relações e interações em rede que marcam as dinâmicas dos espaços digitais. O contexto da pandemia de Covid-19 delineou marcadamente o antagonismo nas opiniões e nas lideranças que segmentaram os indivíduos e grupos nos dois pólos preponderante, desde então, lideranças e segmentos emergentes no debate público ganham visibilidade e impactam as dinâmicas em rede, fazendo uso de recursos tecnogramaticais que ensejam relações e ações conectivas, por vezes sendo decisivos no clima de opinião forjado nesses ambientes (BENNETT & SEGERBERG, 2012). Nesse sentido, a convergência em torno de temas ocasionalmente organizou a mobilização de grupos, porém, a divergência radical dos campos em disputa tem condensado de forma mais efetiva os grupos e organizado suas ações.

Nesta perspectiva, os temas da violência e da criminalidade frequentemente mobilizaram grupos, não raro por meio de discursos radicais de perspectivas ideológicas da extrema direita, o que tende a reforçar a visão da orientação à dominância social (SDO), ou seja, guiada pela noção do outro enquanto inferior. A

orientação à dominância social carrega o pressuposto de que os indivíduos e os grupos sociais são estruturados a partir de sistemas hierárquicos, assim, membros de grupos que ocupam um determinado status nessas hierarquias possuem uma parcela desproporcional de valor social, político e simbólico (SIDANIUS & PRATTO, 1999; PRATTO, SIDANIUS & LEVIN, 2006)<sup>6</sup>. Além de explicar o porquê de conflitos intergrupais ocorrerem, a teoria da dominância social busca identificar os mecanismos que vão além dos elementos da estrutura social, levando em consideração a orientação psicológica que produz e mantém essas hierarquias em dada realidade social.

Mutz (2018) ao se debruçar sobre determinantes explicativos na eleição presidencial de 2016 nos Estados Unidos apontou a ameaça de status por parte de apoiadores do então presidente eleito, Donald Trump, como um elemento central. A autora recorreu à teoria da orientação à dominância social como fenômeno que exibiu crescimento dada a percepção de ameaça ao status do grupo. No contexto desta análise, os temas da violência e da criminalidade ganharam contornos relevantes na disputa presidencial de 2022 no Brasil. Os temas, ao provocar percepção de ameaça por meio de retóricas de ameaça, e seguindo o pressuposto teórico do “SDO”, acionam valores de conformidade social, ou seja, indivíduos ao se perceberem ameaçados tendem a se resguardar em valores que incitam o controle social, valores que implicam a disposição em tolher a autonomia dos sujeitos em nome da conformidade social. A percepção e a retórica de ameaça, neste sentido, são o fio condutor que reforçam as concepções que sustentam as hierarquias sociais – propagadas e fortalecidas por processos intergrupais colaborativamente –, e que encontram ressonância nos espaços digitais.

Neste ecossistema informacional, a crença em conteúdos desinformativos frequentemente está associada a fatores pessoais e político-psicológicos (HALPERN et al, 2019). Não obstante, fatores estruturantes vinculados sobretudo à

<sup>6</sup> A orientação à dominância social é definida como “o grau em que os indivíduos desejam e apoiam grupos hierárquicos e a dominação de grupos ‘inferiores’ por grupos ‘superiores’” (SIDANIUS & PRATTO, 1999, p. 48, tradução nossa)

lógica algorítmica e de monetização regida pelos modelos de negócios das grandes plataformas também produzem consequências visíveis do fenômeno da desinformação. Uma consequência apontada com recorrência na literatura, por exemplo, diz respeito à proeminência que veículos hiperpartidarizados e redes de propaganda conspiratória vêm adquirindo crescentemente nestes espaços (RECUERO et al., 2021 ; ALVES, 2020). Recuero et al (2021) chama a atenção que perfis mais radicalizados em suas perspectivas políticas demonstram comportamento mais ativo na promoção de suas narrativas únicas, sustentadas por veículos midiáticos que confirmam esta narrativa. Tal constatação não se restringe ao campo específico dos veículos de mídia, passando a ser replicado para outras instâncias tradicionais, a exemplo das reivindicações pelo status do que é legítimo do ponto de vista científico (RUEDIGER et al, 2021)<sup>7</sup>. Ainda que perniciosa, esta lógica se sustenta a partir da concepção de Mutz e Martin (2001) de que as pessoas se sentem motivadas a discutir com aqueles que compõem o seu “ambiente imediato”, atrelado a uma comunidade, e com base no grau de seletividade exercido na escolha daqueles interlocutores. O exercício de depreciar a legitimidade do “outro” – aqui podendo ser um indivíduo, grupo ou instituição – que tem posições divergentes reforça, por um lado, os atributos político-psicológicos que mantêm a coesão de grupo, bem como, o intento de sobrepor a visão de mundo de um grupo em detrimento do outro.

Desinformação e descrédito às instituições tradicionais, por outro lado, não são fenômenos recentes, tampouco na atual conjuntura das transformações das dinâmicas sociais e digitais estão descolados de sua mediação. Cesarino (2022) salienta o papel da mediação e das estruturas dessas novas mídias nos processos de aceleração das mudanças sociais e estruturais além da “desintermediação”, enquanto consequências da perda de confiança nas estruturas normativas anteriores. A perda de confiança interpessoal e nas instituições frequentemente são

<sup>7</sup> <https://democraciadigital.dapp.fgv.br/estudos/pseudociencia-e-esfera-publica/>. Acesso em 30 de abril de 2023.

apontadas como mecanismo que ensejam a emergência de atitudes autoritárias e intolerantes em dada conjuntura social, e que também se vinculam com a percepção de ameaça e mudança social (FELDMAN, 2017). Assim, a forma como esses fatores ganham espaço e se retroalimentam respondem à ameaça percebida por indivíduos e grupos aos seus valores, e impactam na disposição das pessoas em limitar a liberdade política de grupos antagônicos. Isto ganha contornos mais sólidos a partir de evidências do campo que demonstram que indivíduos e grupos podem apresentar atitudes políticas intolerantes quando confrontados com grupos que têm desafeição, e neste ponto posicionamentos ideológicos perdem poder explicativo (FELDMAN, 2017; SULLIVAN, PIERESON & MARCUS, 1993).

A circulação de conteúdos desinformativos durante as eleições brasileiras de 2022 mobilizou o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) através de decisões judiciais para acelerar o processo de retirada de materiais do ar<sup>8</sup>. Nesse contexto, conteúdos desinformativos associados à segurança ganharam maior projeção ao longo do pleito (FGV ECMI, 2022)<sup>9</sup>, crescendo 50% a partir de junho de 2022. Parte majoritária das menções ao tema da segurança estavam ligadas a postagens que associavam Lula e o próprio TSE ao PCC, conteúdos que foram desmentidos por sites de checagem<sup>10</sup>. O período específico da análise, no entanto, exibe um ponto de virada em que conteúdos desinformativos passam por uma profusão de atores participantes e de narrativas, com apelo a temas que evocam a religiosidade e a supostas ameaças a estes valores.

---

<sup>8</sup> TSE recebe mais de 500 alertas diários de fake news no segundo turno das eleições. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/20/tse-recebe-mais-de-500-alertas-diaros-de-fake-news-no-segundo-turno-das-eleicoes.ghtml>. Acesso em 30 de abril de 2023.

<sup>9</sup> <https://observademocraciadigital.org/posts/entre-escandalos-e-conspiracoes-associacao-com-violencia-e-criminalidade-tem-forte-crescimento-no-debate-sobre-presidenciais/>. Acesso em 30 de abril de 2023.

<sup>10</sup> É falso que juiz decidiu soltar Marcola, líder do PCC, e que Lula irá busca-lo na prisão. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/04/17/juiz-marcola-prisao-lula> Acesso em 30 de abril de 2023.

A relação de Bolsonaro com os segmentos evangélicos já era observada durante as eleições de 2018 e se estendeu para a composição do seu governo e para a bancada de apoio do então presidente no Congresso Nacional (CAMURÇA, 2020). Durante as eleições de 2020, essa tendência se repetiu nas pesquisas eleitorais, que apontavam vantagem de Bolsonaro no o segmento evangélico<sup>11</sup>. Apesar de não ser um processo novo, essa relação entre a política e a religião, acentuado durante o governo Bolsonaro, confere novos contornos à disputa eleitoral e incorpora valores religiosos e morais ao debate público. Dentro desse contexto, a retórica da ameaça é acionada como modo de associar aos presidenciáveis a ideia de um suposto perigo para os valores e coesão social.

## 2. Procedimentos metodológicos

Do ponto de vista metodológico, este estudo partiu, em um primeiro momento, da elaboração de uma lista de termos de busca relativos ao debate na internet sobre eleição no contexto do pleito brasileiro de 2022. A título de esclarecimento, neste estudo, define-se termo de busca, em linhas gerais, como sendo uma unidade linguística – na forma quer seja de uma única palavra ou de uma combinação de palavras – utilizada para se recuperar eletronicamente uma informação em um banco de dados particular<sup>12</sup>. Essa lista foi, então, executada – via linguagem de programação (ou *script*) – na interface de programação de aplicações (ou API) da plataforma de rede social Twitter (Twitter, Inc.), com vistas a identificar e coletar postagens, escritas em língua portuguesa e publicadas entre 03 e 30 de novembro de 2022, que abordassem a temática das eleições brasileiras desse ano. Essa primeira etapa resultou na coleta de um *corpus* total de 3 milhões tuítes.

<sup>11</sup> Datafolha: Lula alarga liderança entre católicos, e Bolsonaro entre evangélicos. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/datafolha-lula-alarga-lideranca-entre-catolicos-e-bolsonaro-entre-evangelicos.shtml> Acesso em 30 de abril de 2023.

<sup>12</sup> Uma definição possível de termo de busca está disponível em: Disponível em: <https://www.dictionary.com/browse/search-term>. Acesso em: 26 abr. 2023.

Desses tuítes, foram selecionados, em seguida, aqueles que contivessem, no corpo da postagem, o localizador padrão de (ou URLs) de páginas externas. Com a finalidade de tornar a análise proposta neste estudo exequível, foram identificados e selecionados, além disso, os domínios cujos os localizadores, através das respectivas postagens, tivessem somado, juntos, mais de mil compartilhamentos no Twitter. Essa decisão metodológica, que elegeu os domínios com mais de mil retuítes no corpus, refletiu a preocupação de se concentrar a análise sobre as postagens que gozassem de alguma representatividade mínima, com base na ratificação do seu conteúdo<sup>13</sup>, dentro do universo total do *corpus*.

Por meio do domínio desses localizadores, foram identificadas e desconsideradas, ainda, as URLs modificadas por encurtadores ou vinculadas a plataformas de redes sociais e a páginas de veículos da mídia tradicional. A escolha por se rejeitarem as URLs modificadas por encurtadores ou vinculadas a plataformas de redes sociais se justifica por elas não permitirem conhecimento imediato – através do segmento textual do próprio localizador – sobre o conteúdo das respectivas páginas e postagens. No que diz respeito à exclusão de páginas de veículos da mídia tradicional, presume-se que, porque estariam (supostamente) comprometidos com formas convencionais de divulgação de informação, esses canais teriam, em geral, menor abertura para a produção e circulação de conteúdos desinformativos, em oposição a veículos alternativos ou hiperpartidarizados (RECUERO et al., 2021).

Em uma etapa posterior, foram elaboradas duas sintaxes de busca – para serem executadas no motor de busca Elastic (Elasticsearch B.V.) – voltadas à classificação e seleção, entre essas postagens, daquelas que fizessem alguma referência (ainda no âmbito do debate sobre as eleições brasileiras de 2022) a, de um lado, facções e organizações criminosas e, de outro, ao debate religioso, respectivamente. Por

---

<sup>13</sup> A escolha pelas postagens com maior número de compartilhamentos se sustenta no fato de que o retuíte configura, enquanto modalidade enunciativa, um tipo de metáfrase – em que o interlocutor abona e assume integral e textualmente o enunciado de outro interlocutor, reiterando-o no seu papel de enunciador (DAUNAY; DELCAMBRE, 2016). Sendo assim, interpreta-se as postagens (mais) retuitadas como os enunciados que atualizam (ou materializam) os discursos mais representativos da comunidade em que circulam..

conta de alegações e insinuações que circularam em plataformas de redes sociais durante a corrida eleitoral em questão (por exemplo, MENEZES, 2022; GRAGNANI; BRAUN, 2022), esses dois tópicos acabaram figurando, em algum momento, em postagens, mensagens, notícias e matérias etc. com conteúdo desinformativo.

Em tempo, esclarece-se que sintaxe de busca consiste em um conjunto de unidades linguísticas – ora palavras, ora combinações de palavras –, combinadas por meio de operadores lógicos (ou booleanos) (por exemplo, WINTER, 2002), que se prestam, assim como termos de busca, à recuperação, via métodos eletrônicos, de informações em determinado um banco de dados (RUEDIGER, 2017). No caso particular deste estudo, tais informações equivalem, pontualmente, a postagens no Twitter relativas aos escopos semântico-pragmáticos de facção e religiosidade. Operadores lógicos, por sua vez, correspondem a recursos de linguagem de programação para a articulação de variáveis (WINTER, 2022) que, de uma ponto de vista estritamente linguístico, servem para traduzir e, sobretudo, preservar as eventuais relações sintáticas, semânticas e/ou discursivas entre as unidades linguísticas de uma sintaxe de busca.

De todo modo, seguinte à execução das sintaxes de busca, chegou-se a um corpus de 13.634 postagens, sobre o qual foi executado um algoritmo de modelagem de tópicos. Por meio da operação Latent Dirichlet Allocation (ou LDA) (SIEVERT; SHIRLEY, 2014), que identifica padrões de coocorrência de unidades linguísticas em textos, foi possível se agruparem, dentre as palavras mais frequentes no corpus, aquelas que apresentassem alguma similaridade estatística entre si. A partir desse agrupamento, então, formaram-se dez conjuntos de palavras (ou seja, tópicos), os quais foram nomeados com base em campos semânticos prováveis a que essas palavras remeteriam.

Por fim, este estudo se lançou à análise discursiva das postagens que compõem o seu corpus. Nesse caso, este estudo assume como análise discursiva, em sentido lato, a caracterização de escolhas linguísticas do falante com base em aspectos que

completam e qualificam o evento da enunciação. Entendendo a linguagem em uso como sendo, via de regra, um fenômeno situado social, histórica e culturalmente (por exemplo, BAKHTIN, 2014), este estudo reconhece que, na superfície de cada enunciado – sobretudo, nos significados mobilizados por e através dele –, estariam refletidos, necessariamente, componentes das suas dimensões tanto cotextual quanto contextual. Sendo assim, esse movimento metodológico de concentrou, em particular, na identificação de padrões de escolhas linguísticas – em termos, por exemplo, de traços morfossintáticos e lexicais observáveis – nas postagens e na sua articulação com atores, fenômenos, acontecimento, práticas etc. que pudessem intervir, de alguma forma e em alguma medida, na sua produção.

### 3. Análise dos resultados

Os dez tópicos formados a partir das 13.634 publicações que utilizaram o conjunto de URLs selecionadas apresentam um detalhamento sobre como os discursos que evocam valores religiosos e ameaças vinculadas à criminalidade foram apropriados pelos campos políticos no debate digital durante as eleições. Abaixo, a figura 1 apresenta o agrupamento dos dez tópicos a partir dessa base.



FIGURA 1 – Tópicos identificados a partir de postagens com URLs sobre religião e/ou facções

FONTE - Autores

Para facilitar a análise e leitura dos tópicos, serão feitos agrupamentos que condensam as principais narrativas e elaborações feitas a partir das URLs selecionadas.

O primeiro grupo reúne os tópicos 1, 2, 5, 6, e 7 e agrupa mensagens que fizeram referências à questão religiosa, com ênfase em publicações que buscaram mostrar as incongruências entre o discurso e posicionamentos de Bolsonaro e os dogmas e visões de mundo religiosas, tanto evangélicas, quanto católicas.

Em primeiro lugar, é interessante notar o baixo volume de menções a termos ligados negativamente a termos elencados na regra de busca referentes a “satanismo” e à “maçonaria”. A onda de publicações que relacionaram Bolsonaro à maçonaria e estenderam o campo de associação à questões relativas ao satanismo, à negação da religião e valores cristãos obteve grande atenção especialmente entre os dias 04 e 05 de outubro, 2º e 3º dias da campanha do segundo turno (GRAGNANI; BRAUN, 2022).

Entre os posts que mobilizaram links de sites hiperpartidarizados, no entanto, destacaram-se mais menções a evangélicos e católicos. No tópico 1, por exemplo, há a predominância de reações a partir de uma matéria<sup>14</sup> da Revista Fórum que apresentou um áudio em que Bolsonaro “culpa a Igreja Católica pela miséria no Brasil”. Os católicos também foram alvos no tópico 7, a partir de uma reportagem<sup>15</sup> sobre protestos contra apoiadores de Bolsonaro que estariam “tentando invadir o espaço da Igreja Matriz Nossa Senhora do Desterro” visando montar uma base para um comício eleitoral que aconteceria na praça em frente à Igreja. O título da matéria<sup>16</sup>, nesse caso, utiliza recurso típico de estratégias de conteúdos desinformativos, induzindo ao entendimento da proibição completa das atividades religiosas naquele espaço.

O público evangélico foi tema dos tópicos 2 e 6, que repercutiram a mesma declaração do ex-ministro do STF, Joaquim Barbosa, sobre os fiéis estarem sendo “enganados pelo Bolsonarismo”. A manifestação, que foi publicada nas redes

---

<sup>14</sup>

<https://revistaforum.com.br/politica/2022/10/19/audio-bolsonaro-culpa-igreja-catolica-pela-miseria-no-brasil-125104.html>

<sup>15</sup> <https://www.brasil247.com/blog/fieis-protestam-pelo-fechamento-da-igreja-por-bolsonaro>

<sup>16</sup> Fiéis protestam pelo fechamento da igreja por Bolsonaro.

sociais do ex-ministro, foi compartilhada por sites de orientação política distintas, como o Brasil 247<sup>17</sup> e O Antagonista<sup>18</sup>. Essa repercussão para além das bolhas pode estar associada à figura de Joaquim Barbosa que, apesar de ter declarado apoio à candidatura de Lula, foi figura central para a construção da associação entre o PT e a corrupção. A apropriação, por parte de sites alinhados ao petismo, mostra, novamente, a apropriação estratégica da temática religiosa, buscando a disseminação do discurso por meio de uma figura pública não associada ao Partido dos Trabalhadores. Em tom destoante, o tópico 5 reúne termos associados a um escândalo de criptomoedas de uma empresa cujos empresários, ressaltados enquanto evangélicos, apoiavam a candidatura de Bolsonaro. Nesse caso, portanto, a temática religiosa foi associada à Bolsonaro por meio do reforço a estereótipos relacionados aos evangélicos.

As postagens de temática religiosa que apontam incongruências entre o discurso de Bolsonaro e valores cristãos, mobilizadas especialmente por veículos hiperpartidarizados, apontam para o medo e o ataque aos valores desse grupo social como estratégia de disputa política. Nesse sentido, evangélicos e católicos aparecem como principal público-alvo desses conteúdos, que relacionam Bolsonaro a temas como maçonaria e satanismo e colocam o então candidato como uma ameaça aos valores morais desses grupos religiosos, em especial os evangélicos.

Já em relação às facções e apelos à criminalidade, há apenas o tópico 3, que agrupou os termos boné, CPX e TSE, em referência à visita de Lula à comunidade da Maré, no Rio de Janeiro, em 12 de outubro de 2023. A utilização do boné com a sigla CPX (em referência ao “Complexo” da Maré) foi apropriada pela campanha de Jair Bolsonaro como associação a uma suposta facção criminosa com a sigla “CPX”. A participação de sites alinhados à campanha de Bolsonaro neste tópico,

---

17

<https://www.brasil247.com/brasil/joaquim-barbosa-aos-evangelicos-voces-estao-sendo-enganados-pe-lo-bolsonarismo>

18

<https://oantagonista.uol.com.br/brasil/evangelicos-estao-sendo-enganados-pelo-bolsonarismo-diz-joaquim-barbosa/>.

embora tenham repercutido a manchete e imagens, não se mostrou tão incisiva, concentrando-se prioritariamente na veiculação da notícia sobre o TSE ordenar a remoção de conteúdos sobre o tema<sup>19</sup>.

A ênfase do discurso bolsonarista, nesse caso, não foi a ligação direta entre Lula/PT e as facções, mas a consolidação da construção da relação entre facções criminosas (no caso, a fantasiosa CPX) e o TSE, especialmente na figura de seu presidente, o ministro Alexandre de Moraes. Nesse sentido, a ênfase em posts sobre a determinação da remoção de conteúdos fez parte de uma estratégia discursiva que buscou relacionar a suposta atuação imparcial de Alexandre de Moraes a interesses de facções que, por sua vez, estariam em linha com as políticas e ideologias do Partido dos Trabalhadores. O já citado relatório produzido pela FGV ECMI durante o período eleitoral (FGV ECMI, 2022) mostra como esse discurso também mobilizou episódios como a morte do ex-prefeito de Santo André, Celso Daniel e a investigação de um ex-contador de Lula por associação com o PCC.

Novamente, a associação do TSE com facções criminosas pode ser observada sob a perspectiva da retórica da ameaça. Aqui cabe observar como uma ameaça que inicialmente está relacionada a Lula e as facções criminosas, se desloca para o TSE e o ministro Alexandre de Moraes, partindo de uma suposta aproximação entre o presidente do Tribunal e o Partido dos Trabalhadores. Esse deslocamento da ameaça compreende o medo como uma emoção de antecipação, uma projeção de ameaça futura e para que ele se concretize é preciso que exista algo ou alguém a se temer, sendo utilizada como forma de controle social e de diferenciação de “nós” e dos “outros” (AHMED, 2004). No caso da relação entre facções criminosas e o TSE, a associação fortalece a ideia de que o Tribunal estaria agindo de maneira imparcial e não seria confiável na condução do processo eleitoral.

---

<sup>19</sup> Importante destacar que a coleta de dados foi feita durante a campanha, por meio do Streaming da API pública do Twitter. Ou seja, a base conta com todos os posts publicados sobre o tema, sem perder possíveis exclusões após ordens judiciais.

Por fim, cabe destacar os tópicos 4, 9 e 10. Os tópicos abordam uma fala de Bolsonaro afirmando que “pintou um clima”<sup>20</sup> com adolescentes venezuelanas, durante uma entrevista. O caso foi explorado pelos opositores do então presidente, inclusive pela campanha de Lula, que trataram a fala como um caso de pedofilia<sup>21</sup>. Aqui, a religião não aparece de modo direto, mas é evidenciada através do acionamento de valores e pânico morais, colocando o então presidente como uma representação desta ameaça. Essa dinâmica pode ser observada através de publicações como “Relembre 7 casos relacionados à pedofilia ligados a bolsonaristas”<sup>22</sup> da Revista Fórum, que elenca casos de pedofilia envolvendo apoiadores de Bolsonaro. Outras postagens chamam o presidente de pedófilo de maneira direta. Nesses tópicos, se destacam falas de lideranças políticas e artistas sobre o tema, por exemplo, a fala da deputada Tabata Amaral questionando se a fala do então presidente era compatível com valores cristãos. O tópico 10 agrupa postagens sobre um vídeo da apresentadora Xuxa, criticando a fala de Bolsonaro e relatando um caso de abuso sexual que sofreu.

Apesar dos tópicos analisados tratarem de temas diversos, todos se ancoram na moralidade e na associação de uma ameaça a valores morais aos candidatos que lideravam a corrida presidencial. Desse modo, a retórica da ameaça se faz presente a partir dessa construção do medo em associação a Lula e Bolsonaro, partindo especialmente da possibilidade que os candidatos poderiam ser uma ameaça a valores morais e com forte ancoragem na religião.

---

<sup>20</sup> ‘Pintou um clima’: Fala de Bolsonaro sobre encontro com jovens venezuelanas causa reação nas redes sociais. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WxeBKaQSBFw>. Acesso em 29 de abril de 2023.

<sup>21</sup> Lula (comercial 30seg. - TV): "Pintou um clima?", questiona fala de Bolsonaro (16.out.2022). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PCNG1Iaio0s> . Acesso em 29 de abril de 2023.

<sup>22</sup> Relembre 7 casos relacionados à pedofilia ligados a bolsonaristas. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2022/10/15/relembre-casos-relacionados-pedofilia-ligados-bolsonaristas-124929.html>. Acesso em 29 de abril de 2023.

#### 4. Conclusão

O estudo buscou identificar as estratégias e retóricas mobilizadas pelos distintos campos políticos em disputa no pleito presidencial de 2022 no Brasil. Embora o intento original tenha sido pelo mapeamento de campanhas desinformativas, especificamente no período entre o primeiro e o segundo turno, o estudo cobriu as estratégias de disputa política, sobretudo pelo viés de sites hiperpartidarizados.

Os tópicos que compuseram a temática religiosa obteve destaque e foi mais explorada pelo campo político da esquerda do que pelo o da direita, estando os veículos mais alinhados ao campo da esquerda mais à frente de várias das narrativas apontadas. Neste sentido, a coordenação deste campo mais amplo de oposição ao então presidente Jair Bolsonaro, sobretudo com foco no público evangélico, foi mais efetiva, pelo menos em contraste às últimas eleições de 2018, momento em que as retóricas de ameaça eram dominadas por narrativas que favoreciam o campo bolsonarista.

A metodologia adotada buscou mapear os principais tópicos e narrativas mobilizadas pelos campos sob a perspectiva da ameaça enquanto retórica e estratégia eleitoral. Neste sentido, valores religiosos e ameaças vinculadas à criminalidade foram os eixos analíticos que compuseram o conteúdo dos principais conteúdos desinformativos circulados no período analisado. Ainda é relevante apontar o papel dos veículos hiperpartidarizados que, para além da capacidade de engajamento que produzem, amplificam muitas vezes narrativas que reforçam a coesão interna de grupo e constrói o “outro” enquanto representação de ameaça a seus valores. A percepção de ameaça no “outro” enseja desconfiança e intolerância que não raro se transfiguraram em disposições atitudinais antidemocráticas e que, efetivamente, não tardaram a emergir no contexto pós-eleitoral do país.

## Referências

- AHMED, Sarah. **The Cultural Politics of Emotion**. NY: Routledge, 2004.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- CAMURÇA, M. Um poder evangélico no Estado brasileiro? mobilização eleitoral, atuação parlamentar e presença no governo Bolsonaro. *Revista do NUPEM*, v.12, p.1, 2020.
- CESARINO, L. **O mundo do avesso**: verdade e política na era digital. São Paulo: **Ubu**, 2022.
- CONTRERA, F.; MARIANO, K. P.; MENEZES, R. G.. Retórica da ameaça e securitização: a política migratória dos Estados Unidos na administração Trump. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 37, n. 108, p. 1-28, 2021.
- DAUNAY, B.; DELCAMBRE, I. Les modalités énonciatives de la reformulation: comparaison entre écriture d'enseignement et de recherche. **Langues, Cultures et Sociétés**, n. 2/1, p. 23-37, 2016.
- FELDMAN, Stanley. Authoritarianism, threat, and intolerance. **At the forefront of political psychology: Essays in honor of John L. Sullivan**. New York, NY, USA: Routledge, 2017.
- FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 1930.
- GRAGNANI, J.; BRAUN, J. Acusações de satanismo e vídeo na maçonaria marcam início da campanha no 2º turno. **BBC News Brasil**, 4 out. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63138847>. Acesso em: 26 abr. 2023.
- HALPERN, D.; VALENZUELA, S.; KATZ, J.; MIRANDA, J. P. Miranda From belief in conspiracy theories to trust in others: which factors influence exposure, believing and sharing fake news. In: MEISELWITZ, G. (Ed.). **Social computing and social media**: design, human behavior and analytics. Berlin: Springer, 2019, p. 217-232.
- MENEZES, L. F. Sigla CPX, que aparece em boné de Lula, não tem relação com facção criminosa. **Aos Fatos**, 13 out. 2022. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/sigla-cpx-que-aparece-em-bone-de-lula-nao-tem-relacao-com-facciao-criminosa/>. Acesso em: 26 abr. 2023.
- MUTZ, Diana C.; MARTIN, Paul S. Facilitating communication across lines of political difference: The role of mass media. **American political science review**, p. 97-114, 2001.
- MUTZ, Diana C. Status threat, not economic hardship, explains the 2016 presidential vote. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 115, n. 19, p. E4330-E4339, 2018.

PRATTO, Felicia; SIDANIUS, Jim; LEVIN, Shana. Social dominance theory and the dynamics of intergroup relations: Taking stock and looking forward. **European review of social psychology**, v. 17, n. 1, p. 271-320, 2006.

RECUERO, R.; SOARES, F.; ZAGO, G. Polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco: como circula a desinformação sobre Covid-19 no Twitter. 2021. **Contracampo**, v. 40, n. 1, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/45611>. Acesso em: 28 de abril de 2023.

RUEDIGER, M. (Coord.). **Nem tão simples assim: o desafio de monitorar políticas públicas nas redes sociais**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2017.

SIEVERT, C.; SHIRLEY, K. LDAvis: A method for visualizing and interpreting topics. In: WORKSHOP ON INTERACTIVE LANGUAGE, LEARNING, VISUALIZATION, AND INTERFACES, 1., 2014, Baltimore. **Proceedings** [...]. Baltimore: Association for Computational Linguistics, 2014.

SULLIVAN, John L.; PIERESON, James; MARCUS, George E. **Political tolerance and American democracy**. University of Chicago Press, 1993.

VAN DER LINDEN, S.; PANAGOPOULOS, C.; ROOZENBEEK, J. You are fake news: political bias in perceptions of fake news. **Media, Culture & Society**, v. 42, n. 3, p. 460-470, 2020.

WINTER, Y. **Flexibility principles in boolean semantics: the interpretation of coordination, plurality, and scope in natural language**. Cambridge: The MIT Press, 2002.